

## **GÊNERO E SEXUALIDADE NAS INTERFACES DE APLICATIVOS DE MONITORAMENTO MENSTRUAL**

### **UMA ANÁLISE DO APLICATIVO CALENDÁRIO MENSTRUAL FLO**

Palavras-chave: Gênero, Normatividade, Design, Queer.

**Juliana A Coelho da Silva**; Universidade Federal do Ceará; Quixadá,  
Ceará, Brasil;  
julianacoelhodd@gmail.com;

**Paulo Victor Barbosa de Sousa**; Universidade Federal do Ceará;  
Quixadá, Ceará, Brasil;  
paulo.victor@ufc.br;

#### **1. Introdução**

Este trabalho lida com os aplicativos de monitoramento menstrual, também chamados de *menstruapps*, que prometem auxiliar no acompanhamento do ciclo menstrual considerando previsões e lembretes de datas importantes, além de fornecerem explicações educacionais a respeito do ciclo menstrual e sistema reprodutivo. Amplamente utilizados, esse tipo de aplicação costuma apresentar entre 50 a 100 milhões de downloads na Google Play Store.

Dentre suas finalidades e funções, esses aplicativos têm em comum alguns objetivos, como a de estimar as datas prováveis de ovulação e de menstruação. Sobre as informações coletadas, Paletta et al. (2020) afirmam que elas estão vinculadas a compreensões biomédicas sobre o que seria o ciclo menstrual e um enquadramento ligado à reprodução, com o monitoramento de questões sexuais como ovulação, fertilidade, e práticas contraceptivas, assim como a libido, relações sexuais e orgasmos.

Ao utilizar esses aplicativos pela primeira vez, são feitas perguntas sobre a duração da menstruação, duração do ciclo e data de início da menstruação. A navegação completa no aplicativo só é possível após o fornecimento dessas perguntas. Além dessas perguntas iniciais, suas interfaces também tendem a perguntar por um "objetivo de uso", podendo ser "evitar gravidez", "engravidar" ou "conectar ao ciclo de outra pessoa".

Ao considerar o grande número de pessoas que utilizam esses aplicativos, faz-se importante pensar sobre a parcela de pessoas LGBTQIA+ que podem não estar tendo suas identidades

contempladas pelas interfaces digitais desses *softwares*. Essa premissa se mostra um problema diante do qual este trabalho se coloca tendo em vista o planejamento e o desenvolvimento de interfaces digitais, considerando noções de Interação Humano-Computador, Experiência do Usuário e Interface do Usuário.

Deste modo, para além de uma visão funcionalista pautada em eficácia, esta pesquisa, ainda em fase de desenvolvimento, visa a observação de normas sociais heteronormativas que regem a construção das interfaces desses aplicativos, e questiona de que modos essas interfaces podem acabar se tornando um meio de reafirmação dessas padrões. Até o momento, tendo em vista os resultados preliminares alcançados, a hipótese da ocorrência de padrões heteronormativos e da exclusão (ainda que simbólica) de pessoas trans dessas aplicações se mostra verdadeira e observável.

Miskolci (2017) aborda as normas de gênero e sexualidade como construções culturais e sociais pré-estabelecidas. Com isso, vale a observação de que, se a sociedade historicamente construiu essas normas, seria possível identificá-las nos aplicativos de monitoramento menstrual, já que lidam com algo tão íntimo como gênero, sexualidade e menstruação.

Assim, este trabalho ressalta a importância da observação sobre a construção gráfico-operacional das interfaces de aplicativos de monitoramento menstrual, de forma a identificar normas sociais de gênero e sexualidade que podem causar o sentimento de exclusão de usuários que fazem parte da comunidade LGBTQIA+. Como já ressaltado, esta pesquisa, que é parte de um trabalho maior em andamento, tem o objetivo de identificar, por meio de uma análise visual, possíveis padrões de gênero e sexualidade dentro da interface do principal *menstruapp*, o Calendário Menstrual Flo.

## 2. Teoria Queer e os *menstruapps*

Ao pesquisar a palavra “menstruação” na Google Play Store, por exemplo, a loja de aplicativos no sistema operacional de telefones Android, é possível observar um amplo catálogo de *softwares* para monitoramento menstrual e reprodução. No geral, eles possuem construções visualmente similares, com a presença de tons de rosa e outros elementos que remetem a sensações de delicadeza e feminilidade. Essas características, tidas *a priori* como femininas, podem acabar levando algumas pessoas ao entendimento de que elas não fazem parte do público-alvo da solução, mesmo que experienciem o ciclo menstrual.

Nesse sentido, buscamos na Teoria Queer um aporte que possibilite a contestação deste problema. A palavra *queer*, utilizada antes como um insulto, é relacionada a tudo que é socialmente chamado de estranho e anormal (Miskolci, 2017), e algo fora da normalidade sugere a existência de algo dentro da normalidade e de um próprio sistema regido e respeitado.

Segundo Miskolci (2017), A Teoria Queer não se trata da defesa da homossexualidade, mas sim da luta contra os valores morais violentos que asseguram a existência de uma fronteira entre os que são socialmente aceitos e os que são desprezados e humilhados por não seguirem esses valores. Desse modo, a Teoria Queer, uma das principais bases de estudo para a busca dos direitos de pessoas da comunidade LGBTQIA+, propõe um pensamento de desconstrução das normas sociais pré-estabelecidas e nas identidades de gênero e sexualidade.

Nesse sentido, cabe observar que o conceito de identidade de gênero se dá para expressar o sentimento interno de pertencimento a um determinado sexo ou gênero, sendo utilizado ao se referir a travestis e transexuais, ou de forma genérica, pessoas trans (Carvalho; Menezes, 2021), enquanto a orientação sexual se refere a qual sexo ou gênero o desejo sexual de uma pessoa está orientado. Uma pessoa é considerada homossexual quando o seu desejo está voltado a pessoas do mesmo sexo ou gênero, enquanto uma pessoa é considerada heterossexual se o seu desejo sexual está orientado para pessoas de sexo ou gênero diferentes. Já a bissexualidade aponta para um desejo sexual destinado a ambos os sexos e gêneros, enquanto na pansexualidade o desejo sexual se manifesta independente da identidade de gênero, o que inclui pessoas com o gênero não conforme, fluido ou não binário (Carvalho; Menezes, 2021).

Ao negar a identidade individual a partir de uma inerência biológica, a perspectiva Queer se desanexa de visões essencialistas e proporciona fluidez de identificações, além de interseccionalidades quanto a outros fatores identitários, como classe socioeconômica, etnia e cultural. Segundo Miskolci (2017), o Movimento Queer busca o enfrentamento do desafio de mudar a sociedade para que ela seja acolhedora a todas às pessoas, e não que aquelas vistas como fora da normalidade tenham que se adaptar a ela.

### **3. Procedimentos metodológicos**

Inicialmente, como forma de aproximação do objeto de estudo, foram feitas as descrições das capturas de tela do aplicativo Calendário Menstrual Flo a partir de uma simulação de primeiro uso, registrando desde telas de boas-vindas até as telas principais, onde ocorrem de

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

fato seu uso operacional. Também foi feita uma revisão bibliográfica acerca de questões sociais de gênero e sexualidade em aplicativos para monitoramento menstrual. Ao decorrer do desenvolvimento do trabalho, a partir das capturas, será aplicado futuramente o Método de Inspeção Semiótica (MIS).

O Método de Inspeção Semiótica (MIS), fundamentado na Engenharia Semiótica, é um processo que realiza atividades de coleta de dados sobre experiências de uso e de compreensão, buscando identificar, interpretar e analisar, por meio da inspeção da interface, os signos metalinguísticos, estáticos e dinâmicos presentes dentro da interface (Barbosa; Silva, 2010). Trata-se de um estudo sobre como designers se comunicam com o usuário por meio da interface do aplicativo.

Esta pesquisa utiliza o MIS focado na análise dos signos estáticos que compõem a interface do aplicativo Calendário Menstrual Flo. Essa inspeção tem como objetivo identificar padrões visuais nas telas do aplicativo que possam, através da comunicação entre designer e usuário e mediada pela interface, ressaltar normas sociais de gênero e sexualidade. As etapas da aplicação do método são: Preparação, Coleta de dados, Interpretação e consolidação dos resultados e Relato dos resultados, como apresentado na figura a seguir.

atividade	tarefa
Preparação	<ul style="list-style-type: none"><li>• identificar os perfis de usuários</li><li>• identificar os objetivos apoiados pelo sistema</li><li>• definir as partes da interface que serão avaliadas</li><li>• escrever cenários de interação para guiar a avaliação</li></ul>
Coleta de dados	<ul style="list-style-type: none"><li>• inspecionar a interface simulando a interação descrita pelo cenário de interação</li><li>• analisar os signos metalinguísticos e reconstruir a metamensagem correspondente</li><li>• analisar os signos estáticos e reconstruir a metamensagem correspondente</li><li>• analisar os signos dinâmicos e reconstruir a metamensagem correspondente</li></ul>
Interpretação e Consolidação de resultados	<ul style="list-style-type: none"><li>• contrastar e comparar as metamensagens reconstruídas nas análises de cada tipo de signo</li><li>• julgar os problemas de comunicabilidade encontrados</li></ul>
Relato dos resultados	<ul style="list-style-type: none"><li>• relatar a avaliação da comunicabilidade da solução de IHC, sob o ponto de vista do emissor da metamensagem</li></ul>

Imagem 1 – Etapas do Método de Inspeção Semiótica  
Fonte: Barbosa e Silva (2010, p.280)

## 4. Resultados preliminares

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Ao fim desta parte inicial da pesquisa, foram identificadas normas de gênero e sexualidade dentro do aplicativo analisado que podem estar reafirmando, através da construção da interface, normas sociais heteronormativas que excludentes. Espera-se que ao final da pesquisa sejam descritas as normas sociais identificadas e como elas são comunicadas através dos elementos visuais da interface, tecendo observações quanto a possíveis desconstruções desses padrões dentro dos aplicativos de monitoramento menstrual.

Até o momento, foram obtidos resultados preliminares a partir da captura e descrição de 37 telas do aplicativo Calendário Menstrual Flo. Foi possível observar o padrão de cores do aplicativo, que consiste na utilização da cor rosa saturada como forma destaque em botões, *checkboxes* e textos, presente na grande maioria das telas. A iconografia do aplicativo utiliza contornos arredondados e cores com baixa saturação, ambos podendo trazer sentimentos de suavidade e delicadeza associados à feminilidade.

Também foi possível notar a presença de figuras ilustradas que possuem apenas traços e características femininas, também com cores de baixa saturação. Nas figuras usadas para temas de casais, à primeira vista, foram utilizadas apenas representações de figuras masculinas e femininas, ou seja, apenas representações de relacionamentos heteronormativos. No conteúdo dos seus textos, o aplicativo aborda sintomas sentidos durante o ciclo menstrual como cólicas, mudanças de pele e sono, saúde mental, e vida sexual. Nos textos o aplicativo também utiliza “ela” ao se referir a pessoa que utiliza o aplicativo e “ele” para o par romântico da pessoa, alinhando-se novamente às representações heteronormativas excludentes.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, S.; SILVA, B. **Interação Humano-Computador**. Elsevier Brasil, 2010. ISBN9788535211207. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=qk0skwr\\_cewC](https://books.google.com.br/books?id=qk0skwr_cewC).

CARVALHO, M. F. d. L.; MENEZES, M. S. d. **Violência e saúde na vida de pessoas LGBTI**. [S. l.]: Editora FIOCRUZ, 2021. 147 p. Disponível também em formato digital (ISBN: 9786557081204).

GOOGLE. Google Play Store. Disponível em: <https://play.google.com>. Acesso em: 01 jun. 2025.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. [S. l.]: Autêntica Editora, 2017. 22-67 p. Parte II.

PALETTA, G. C.; NUCCI, M. F.; MANICA, D. T. **Aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual e da gravidez: corpo, gênero, saúde e tecnologias da informação**. Cadernos Pagu, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU, n. 59, p. e205908, 2020. ISSN 0104-8333. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202000590008>.